

REFLEXÕES SOBRE LEITURA: A FORMAÇÃO DO LEITOR

Marília de Nazaré Ferreira-Silva¹ (UFPA)

Adna Maely dos Santos Oliveira² (UFPA)

Nandra Ribeiro Silva³ (UFPA)

RESUMO: A leitura é a chave para o processo de escolarização, por esta razão enfatiza-se tanto a necessidade do aprendizado da leitura na escola. A leitura é concebida como uma forma de atribuição contínua de significados, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do Ser Humano, pela sua subjetividade. Cada ser lê o mundo a partir de suas vivências e assim passa a ter suas reflexões através de sua própria existência humana. É desta forma que um indivíduo constrói um complexo edifício de significados que resultam da necessidade de se compreender e explicar o mundo que o cerca. Este trabalho apresenta algumas reflexões e concepções de leitura como indício de escolarização.

ABSTRACT: Reading is the Key for the process of schooling; for that reason, learning to read is emphasized in the school. Reading is conceived as a form of continuous attribution of meaning, which must be uncovered for human comprehension and subjectivity. All people read the world on the basis of their experiences and thus come to reflect on it through their own human existence. It is in this way that individuals construct a complex edifice of meanings that result from the necessity of understanding themselves and explaining the world around them. This paper presents some reflections on and conceptions of reading as an indication of schooling.

Introdução

A reflexão a respeito do processo de leitura nos leva a diversas indagações quanto ao escopo que a expressão pode atingir. O linguista Celso Pedro Luft, em seu dicionário de língua portuguesa, define leitura como “ação ou efeito de ler” e à palavra leitor como: o indivíduo que lê ou que tem o hábito da leitura. Mas muitos linguistas têm discordado dessa definição por afirmarem que ela, de fato, pouco atende às expectativas de encontrar uma possível conceituação que se responsabilize por alcançar a abrangência que a expressão tem atingido na sociedade atual. Sabe-se que a leitura tem ultrapassado o mero ato de decodificar

¹ Professora do Instituto de Letras e Comunicação vinculada à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará. Desenvolve pesquisas na linha “Descrição de Línguas Indígenas” no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA, onde atua como coordenadora do programa. É tutora do PET Letras/Língua Portuguesa (MEC/SESu) desde dezembro de 2010.

² Bolsista do PET Letras/Língua Portuguesa (MEC/SESu), cuja pesquisa coletiva intitula-se “Diversidade e variação lingüística na Amazônia”.

³ Bolsista da Pró-Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG) da Universidade Federal do Pará em projeto de monitoria intitulado “Vivências sociolinguísticas: caminhos para a prática docente”.

signos escritos. Isso foi observado por um dos maiores educadores do Brasil: “os tempos mudaram e o leitor não é mais o alfabetizado e leitura não é mais ler livros” (ALVES, 2002).

De fato, o ato de ler tem assumido uma amplitude enorme, de maneira que não incomoda uma pessoa letrada ouvir ou até mesmo usar expressões como: ler um *outdoor* (em que se configura apenas uma imagem), ler gráficos, ler o mundo...

Os leitores de hoje têm convivência com uma maior diversidade dos tipos, meios e suportes de leitura, constituídos por um conjunto irrestrito de elementos, tais como: os visuais, os escritos, imagéticos, etc. Então uma das primeiras conclusões que se tem é a de que leitura não é mais apenas decodificação de códigos lingüísticos, mas sim uma atividade de decodificação que está em outro plano e torna-se, por isso, algo similar ao ato de compreender: como atingir um modo de elucidar a própria razão de ser no mundo.

Na próxima seção abordaremos a questão da leitura e da subjetividade.

Leitura e subjetividade

A leitura enquanto processo cognitivo envolve a decodificação não apenas de signos, mas tudo o que transportar um valor significativo à percepção humana. Nesse sentido, com um certo e próprio encanto para com as palavras, Paulo Freire (1994) em seu ensaio intitulado “Ensinar-aprender: leitura de mundo, leitura da palavra” conceitua leitura sob uma visão psicossocial afirmando que: “a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade daquele [...] E ‘ler o mundo’ e ‘ler a palavra’, no fundo, pra mim, implicam reescrever o mundo. Reescrever com aspas, que quer dizer transformar...”

Neste sentido, a leitura é concebida como uma forma de atribuição contínua de significados, os quais precisam ser desvelados pela compreensão do ser humano, pela sua subjetividade. Cada ser lê o mundo a partir de suas vivências e assim passa a ter suas reflexões através de sua própria existência humana. É desta forma que um indivíduo constrói um complexo edifício de significados que resultam da necessidade de compreender e explicar o mundo que o cerca. O indivíduo passa, então, a ser considerado um leitor, quando compreende o que lê, no sentido amplo. Podemos, neste caso, afirmar que ler é, antes de tudo, compreender, bem além de decodificar signos e códigos. Faz-se necessário portar-se diante do

texto, transformando-o e sendo transformado pela leitura, nesse jogo dialético entre leitor e texto.

O texto quando lido com intenção de ser compreendido pelo leitor tem o poder e transformar um indivíduo passivo em um cidadão crítico e agente, capaz de modificar e formar conceitos. Desta forma, a leitura exerce um papel de fundamental importância na formação do indivíduo. Em primeira instância, o leitor se faz e se transforma e, pela leitura, alcança o enriquecimento de outros aspectos que o constituem tanto da perspectiva humanista quanto da perspectiva crítica.

Uma das questões a ser discutida está relacionada à formação do leitor. Como se faz um leitor? De que modo um indivíduo é estimulado a ler? Essas são algumas das questões que pretendemos responder a seguir.

Formação do leitor

Naturalmente o processo de formação do leitor acontece inicialmente no âmbito escolar, sendo ainda considerada, na atualidade, a maior e a mais significativa consequência do processo de escolarização. Muito se tem discutido sobre a importância da leitura na escola, uma vez que, desde a sua constituição, recai sobre a escola o compromisso de transmitir, propagar e defender a cultura. Nos dias atuais esse compromisso tem permanecido; esta responsabilidade máxima recai sobre os educadores também.

No entanto, muitas dificuldades têm sido encontradas no cenário escolar para a efetivação de práticas de leituras que venham manter estabelecidos os seus princípios fundamentais. Em especial, no que concerne à formação de indivíduos críticos e participativos das mais diversas questões sociais que os norteiam. A escola tem demonstrado, com o que muitos têm chamado de “crise da leitura”, não ter tido condições favoráveis para a implantação de práticas que possibilitem o estímulo necessário para a formação de leitores. E, como resultado, infelizmente, tem-se um quadro nacional de poucos indivíduos de fato envolvidos pela leitura.

Um leitor não se forma sozinho. Há que se estimular pais, professores e estudantes ao prazer, ao gosto pela leitura. O ato de ler ultrapassa a formação acadêmica e alavanca toda a

vida cidadã do indivíduo, logo, sem fazer sentido, qualquer tentativa de formar leitores não será bem sucedida.

Trabalhar a formação do leitor perpassa a leitura de livros, de imagens, de questões culturais do cotidiano dos indivíduos, dentre outras questões. Os professores precisam estar cientes da amplitude de sua atividade enquanto facilitadores do processo de leitura.

A leitura não se restringe aos atos de lazer e de estudos. Sua presença é inegável em uma sociedade porque ela está em todos os lugares, especialmente em escolas, bibliotecas e centros urbanos. Cada dia mais se depara com a necessidade imperativa de ler para atividades simples como a localização de algo como uma rua, um restaurante até para questões mais complexas como conseguir um emprego.

A atenção à leitura no Brasil é primeiramente marcada pela vinda da Família Real que, ao se domiciliar no Rio de Janeiro, preocupa-se com a construção de escolas e de uma tipografia. Dessa forma, o hábito de leitura começa a se estabelecer no país e o comércio de livros cresce, embora a população letrada seja pequena.

No século XX, com a instauração de várias bibliotecas no país e já com a comercialização de livros, pode-se dizer que a leitura havia chegado ao seu ponto mais alto. No entanto, a leitura não havia atingido a massa brasileira, uma vez que muitos não estavam vinculados à escola. Com o advento do rádio e da televisão, a população se afasta ainda mais do ato da leitura.

De um modo geral, podemos afirmar que o Brasil ainda está aquém no que se refere ao processo de formação de leitores. Não há incentivos, por parte do Estado, nem nas escolas, tampouco por parte dos comerciantes de livros. As facilidades para aquisição desse tipo de material ainda deixam muito a desejar, principalmente quando se refere a regiões mais distantes do centro-sul do país, devido a inúmeros fatores, desde a distância em relação aos locais em que estão concentradas as maiores editoras até questões sócio-econômicas mais pontuais.

Na realidade, o Brasil tem vivido uma grave crise de leitura. A queixa geral e a constatação feita por várias pesquisas é a de que o país não lê. O brasileiro ou não lê ou lê muito pouco. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro, 77 milhões de pessoas afirmam não gostar de ler. Somos frutos de uma sociedade que não tem prazer na

atividade de leitura.

Segundo a referida pesquisa, as principais razões para o não-hábito à leitura são: 17% dos entrevistados lêem muito devagar; 11% não têm paciência para ler; 7% não compreendem o que lêem; 7% não conseguem se concentrar pra ler. Para agravar esse triste quadro, O IBOPE afirma que o brasileiro lê em média 4,7 livros/ano e compra 1,2 exemplares por ano. Quando indagada sobre o que prefere fazer em seu tempo livre, a maioria da população opta pela televisão (77%). A leitura foi citada como a quinta opção dos entrevistados, vindo atrás de hábitos como ouvir música, rádio e repousar.

O Brasil tem atualmente em torno de 16 milhões de analfabetos, segundo dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC). Este anuncia, ainda, que no Brasil existam 16.295 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever pelo menos um bilhete simples. Se considerássemos os “analfabetos funcionais” o número salta para 33 milhões.

Solucionar um problema tão complexo exige comprometimento de toda a sociedade, desde os órgãos públicos vinculados à questão da educação no país até a família e a comunidade em geral. Seria necessário executar um projeto de amplo alcance para formar novos e bons leitores, fomentando o hábito da leitura, como uma atitude cotidiana. Isso significaria trocar a leitura mecânica por uma leitura holística e prazerosa, formadora de cidadãos cientes de seu papel no mundo; significaria aprimorar a leitura para indivíduos considerados analfabetos funcionais, capacitando-os a ler integralmente.

Na próxima seção, trataremos de alguns aspectos das práticas de leitura vigentes em nosso país.

Práticas de leituras

Mediante as inúmeras adversidades encontradas para a efetivação das práticas de leitura, grande parcela de culpa tem sido atribuída à formação do professor. Neste cenário, surge uma proposta de um educador contemporâneo preparado para atender as expectativas e suprir as precariedades do ensino vigente que esquadriham lacunas históricas desde a fundação dessa instituição tão representativa da sociedade civilizada: a escola.

Grande parte do patrimônio cultural da humanidade está representado,

simbolicamente, pelos documentos escritos. Isto confere à leitura um papel preponderante nas sociedades modernas e, conseqüentemente, no universo escolar, um lugar de extremo destaque por excelência. Historicamente se promove a educação das crianças e dos jovens, em nossa sociedade e ao professor cabe, então, a árdua tarefa de ser um mediador/facilitador desse processo de aprendizagem. Espera-se que este, de antemão, seja, antes de tudo, um exímio leitor.

Dessa forma muito se tem ouvido tratar do “professor-leitor” sem uma breve apresentação do contexto social que esclareça perfeitamente o emprego da expressão. Entende-se a primeira tentativa de compreensão da expressão “professor-leitor” como aquele indivíduo, que por ser um educador, tem um grande elo com a leitura, ou seja, está familiarizado às diferentes práticas de leituras, tendo, portanto, inúmeras leituras feitas, por meio das quais armazenou conteúdos a transmitir a seus alunos.

Autores como Kleiman (2000) utilizam a expressão “professor-leitor” para designar a proposta de um molde de educador, que tanto tem sido aclamado no cenário educacional. Um educador que seja sensível à diversidade cultural de seus alunos para que o ensino possa ser promovido de forma homogênea, ou seja, o ensino deve alcançar todos os indivíduos de forma igualitária como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

De acordo com Soares (1988), “a leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa uma conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais”. Assim pode-se confirmar a afirmação feita como uma realidade; levando-se em conta que, pelas condições do desenvolvimento histórico e cultural do país, a prática da leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, sempre esteve restrita a uma minoria de indivíduos que teve acesso à educação formal.

Inegavelmente a prática de leitura é uma das atividades mais importantes para a aquisição do conhecimento. Todavia, é preciso dar um significado ao que se lê, a fim de que, dessa forma, ela tenha um espaço garantido na vida das pessoas. Os estudantes precisam conceber o ato de ler como uma prática diária da vida. Portanto, para aquele que pretende trabalhar na área da educação, a leitura torna-se um instrumento indispensável.

Se o cidadão comum precisa estar atualizado às muitas informações, em seu dia-a-dia,

o que dizer do profissional da educação? A leitura não deve se limitar ao estritamente necessário. Desse modo, é imprescindível criar o gosto pela leitura sempre.

Na próxima seção, trataremos sobre o tópico “o prazer pela leitura”, em que abordaremos, questões pertinentes a essa necessidade para o desenvolvimento do hábito da leitura.

O prazer pela leitura

O gosto pela leitura não é intrínseco ao indivíduo, mas pode ser cultivado na medida em que o indivíduo se constrói como leitor. Solé (1998) afirma que: “o prazer pela leitura se desperta, suscita e se educa”. Assim também afirma Rubem Alves, em certo ensaio intitulado “O prazer pela leitura”, segundo o qual “ensinar a leitura é como aprender teoria musical, tudo começa antes mesmo de se conhecer as notas musicais e acordes, deve-se apenas ao ouvir e sentir”. Para ele, o prazer pela leitura pode ser adquirido do mesmo modo: tudo começa antes da aprendizagem das letras; quando alguém lê, outro o escuta com prazer. Encantado pelas delícias da leitura ouvida é então que se volta “para aqueles sinais misteriosos chamados letras”. Dessa forma é que, segundo o autor, o indivíduo começa a desejar aprender a decifrar os sentidos dos textos para compreendê-los – “porque eles são a chave que abre o mundo das delícias que moram no livro! O indivíduo passa a desejar a autonomia: ser capaz de chegar ao prazer do texto sem precisar da mediação da pessoa que o está lendo”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam a importância da escuta de textos orais e escritos. Todavia, a escola não prepara para a leitura. São poucas ou inexistentes as atividades de leitura dramatizada, desenvolvidas em sala de aula. Esclareçamos que não se trata de dramatização de texto, mas da preparação que o aluno faz da leitura que realizará em sala de aula, para seus colegas e professores.

Algumas sugestões simples, mas interessantes que podem ser desenvolvidas para promover o gosto, o prazer pela leitura começam com a leitura expressiva do texto pelo professor. A seguir, o professor deverá sugerir e dirigir o debate com a turma acerca das idéias daquele texto e de outros textos em que se verifiquem semelhanças ou diferenças, contemplando em seu trabalho a noção de intertextualidade.

Nesse momento, o professor poderá sugerir que os estudantes destaquem os personagens principais do texto; que indiquem a divisão do texto da perspectiva das ações nele desenvolvidas; e finalmente sugerir a preparação da leitura do conhecimento prévio. A turma também precisa ser incentivada a escutar o colega com atenção e respeito, em silêncio, para prestar atenção à desenvoltura do colega com o texto escrito.

Dessa maneira, possibilita-se o prazer de ler, de dividir a alegria da descoberta do mundo pela leitura. Alguns estudiosos da educação e da linguagem afirmam que não se deve falar em hábito de leitura devido ao que a palavra “hábito” implica - repetição frequente de um ato.

A leitura precisa ser vislumbrada como um processo de produção de sentidos que engloba um leitor e um texto. Esse leitor é um sujeito que se constrói enquanto leitor, quando lê o mundo que o cerca. As inúmeras experiências por ele vivenciadas são as que compõem, nesse mundo, os seus próprios textos, por meio dos quais ele irá compor e dar sentido às suas histórias de leitura.

O prazer pela leitura, então, não é algo que nasce forçadamente, da obrigação, da imposição do hábito, da atividade mecânica. Mas é uma atividade que precisa ser realizada a partir de uma postura também prazerosa, alegre, criativa, que imprima cores e vida, que desperte a curiosidade e a ludicidade naquele que lê. Em outras palavras, o prazer pela leitura precisa ser ensinado e isso somente surtirá efeito se for feito também por alguém que, de fato, sinta esse prazer, esse gosto.

No próximo tópico, apresentamos algumas idéias sobre o papel do professor como mediador/facilitador da leitura. O professor deverá pessoalmente ter um envolvimento real com a leitura a fim de poder influenciar positivamente seus estudantes, despertando neles o prazer pela leitura.

O professor como mediador/facilitador da aprendizagem da leitura

Ao professor cabe esse comprometimento de levar o aluno a despertar sua imaginação e criatividade para um mundo de possibilidades que a leitura pode lhe oferecer. Suscitar o interesse pelo prazer de ler. E para isso, faz-se necessário que este professor antes de tudo seja

um leitor assíduo, para que então, compartilhe com os seus alunos suas experiências de leitura, com prazer e paixão. Isto é imperativo. No entanto, pesquisas indicam que muitos professores responsáveis pela formação de leitores não gostam dessa atividade, o que se torna um complicador ao seu trabalho. Muitos afirmam que isto acontece devido não ter desenvolvido o ato de leitura durante sua vida escolar.

Barbosa (1994) afirma que “Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe exemplos que lhe mostrem a que serve a leitura. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura.”.

O professor tem que procurar observar, imaginar a realidade de cada aluno, suas condições sociais, culturais e econômicas para poder criar estratégias e meios de interação para efetivar práticas de leitura para assim formar um aluno-leitor-autônomo, cidadão consciente de suas possibilidades de leitura do mundo e de sua própria existência.

A partir do ensino médio, o professor deverá atuar como aquele que auxiliará o desenvolvimento da autonomia intelectual do leitor. Observamos que a leitura é fundamental para o processo de escolarização. O professor deve auxiliar seus alunos no despertar de seu interesse pela leitura. Esse é o componente psicológico do processo.

Não atribuir um sentido à leitura, sem sombra de dúvida, é uma das causas mais frequentes do fracasso do ensino.

A prática mais comum de se ensinar, tradicionalmente, baseava-se na apresentação do conteúdo pelo professor, que partia de definições, exemplos, demonstração de propriedades, e em seguida realizava exercícios de aprendizagem, fixação e aplicação. Desse modo, assumia-se que o aluno aprendia por repetição ou reprodução. Caso o aluno fizesse uma reprodução correta, ele havia aprendido. No entanto, percebeu-se logo que tal capacidade indicava que o aluno apenas havia aprendido a reproduzir sem refletir quanto ao conteúdo, sem tê-lo aprendido de fato.

O professor precisa demonstrar competência em sua área de atuação. Em relação à leitura, como já dissemos anteriormente, ele mesmo deve ser um leitor, deve ter suas próprias

experiências com a leitura. Caso não seja assim, sua tendência será a de exigir somente a reprodução de conteúdos “decorados”, sem demandar que o aluno tenha quaisquer questionamentos ou criticidade em relação aos conteúdos lidos.

A adequação da metodologia para o ensino e o estímulo à leitura também deve ser propícia à aprendizagem. O professor precisa também ter certo tipo de competência humana que o faça estimular seus alunos a buscarem sua própria autonomia, também por meio de sua valorização enquanto indivíduos. Sabe-se, atualmente, com base em inúmeras pesquisas realizadas na área de ensino e aprendizagem, que o aluno precisa desenvolver-se em um ambiente que o estimule a criar, perguntar, ampliar seus horizontes e suas ideias acerca do mundo e acerca de si mesmo.

Uma das tarefas mais complexas que o professor precisa executar como mediador ou facilitador da aprendizagem de leitura é a de promover condições para que o aluno desperte e desenvolva sua capacidade de pensar criticamente, de maneira lógica, pronta para a resolução de problemas inerentes aos conteúdos palpáveis presentes em seu cotidiano. Isso fará o aluno atentar para o fato de a educação ser algo bem mais abrangente que a simples memorização de conceitos transmitidos pelo professor ou pelos livros. O aluno se dará conta disso logo tendo essas condições.

Na próxima seção, abordaremos brevemente a questão da importância da leitura para a cidadania, uma vez que ambas andam de braços dados.

Leitura e cidadania

Nossa sociedade caracteriza-se pela busca de informações e do conhecimento. E uma das formas de se adquirir este conhecimento é através da leitura. Como muito se discutiu até agora a leitura não é apenas entendida como um mero ato de decodificação de letras, palavras e frases, e sim uma ponte para se entender a relação do mundo com a sociedade.

Yunes e Pondé afirmam que:

Vivemos numa sociedade em que a leitura ocupa um papel decisivo no mercado de trabalho. O indivíduo analfabeto tem poucas chances de acesso a empregos mais qualificados e bem remunerados, pois estes exigem escolaridade. Nos países em desenvolvimento, as diferenças sociais se acentuam também pelo acesso aos bens culturais [...] A leitura, na nossa

sociedade, é uma condição para dar voz ao cidadão, e, mais é preciso prepará-lo para tornar-se sujeito no ato de ler [...] o livro deve levar a uma leitura/interpretação do indivíduo na transformação de si mesmo e do mundo. (YUNES; PONDÉ, 1989, 33-34).

É necessário salientar que não basta apenas ler, mas é importante analisar, interpretar, conhecer, despertando o prazer pela leitura sem aceitar tudo o que está escrito, e sim ler para discordar, concordar, interpretar e analisar as múltiplas leituras que se tem de um único texto.

Zilbermann postula que “O ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real [...] a ideologia da leitura é condição para uma bem sucedida escala social...” (ZILBERNANN, 1991, 17-18).

Conclusão

Este trabalho objetivou discutir o processo de aprendizado da leitura e sua relevância para a atual sociedade, no que concerne à formação de indivíduos críticos e questionadores dos mais variados processos culturais que os cercam. Formar bons leitores implica formar cidadãos que refletem sobre as dificuldades encontradas na escola para a efetivação de práticas de leituras.

Por meio dessas práticas de leitura se objetiva a formação de leitores críticos e conscientes, como também, aprimorar cada vez mais o papel de facilitador/mediador desempenhado pelo professor como um formador de opinião e agente ativo no desenvolvimento do processo de ensino da leitura nas instituições educacionais.

Ao professor cabe mediar o processo criando oportunidades de desenvolvimento de seus alunos até que estes alcancem a autonomia necessária para serem leitores por si sós.

A discussão em torno da leitura ainda se faz necessária, nos dias de hoje, entre os professores e alunos. Essa discussão pode contribuir para que se possa repensar o cenário escolar atual, visando a construção de novas alternativas que possam auxiliar os autores do processo de ensino-aprendizagem da leitura a caminharem a passos largos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. 5. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.
- BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, Paulo. Ensinar-aprender: leitura do mundo, leitura da palavra. IN: FREIRE, Paulo. *Professora sim, tia não*. 4ª Ed. São Paulo: olho D'água, 1994.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Fontes, 2003.
- KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2000.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de Língua portuguesa*. 13ª Ed. São Paulo: Ática, 1998.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 19ª Ed. São Paulo. Brasiliense, 1994.
- MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. 1997.
- SILVA, Ezequiel Theodoro. *O ato de ler: fundamentais psicológicas para uma nova pedagogia de leitura*. 7ª Ed. São Paulo. Cortez, 1996.
- SOARES, Magda. *Linguagem e escola- uma perspectiva social*. 10ª Ed. São Paulo: Ática, 1993
- SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. VAN Dijk, T. A.
- YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1989.
- ZILBERMANN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 1991.
- SITE: <http://www.rubemalves.com.br/oprazerdaleitura.htm>. Acessado em 27/06/2011.